
**“BONS MODOS À MESA”: A INSERÇÃO DA ELITE ARACATIENSE
NO PROCESSO CIVILIZADOR CAPITALISTA ATRAVÉS DOS
OBJETOS DE MESA E COZINHA (1850 - 1890)**

**"TABLE MANNERS": THE INTEGRATION OF THE ELITE
ARACATIENSE ON CAPITALIST CIVILIZING PROCESS THROUGH
OBJECTS OF TABLE AND KITCHEN (1850 - 1890)**

Ana Paula Gomes Bezerra

Mestranda em História e Culturas (MAHIS) da Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Membro do Grupo de Pesquisa em Práticas Urbana (GPPUR). Bolsista da CAPES

paulagbezerra1@hotmail.com

RESUMO: O estudo em tela analisa a inserção das elites aracatienses no chamado processo civilizador capitalista a partir da cultura material, representada nos conjuntos de chá e aparelhos de jantar de origem europeia e consumidos pelas referidas classes entre os anos de 1850 a 1890, na cidade de Aracati, situada no litorallestecearense. Consideramos que a cultura material constitui uma significativa fonte de estudo para entendermos como se deu a inserção do referido grupo no processo civilizador capitalista. O conceito de tradução é o primeiro a orientar nosso estudo. Este significa as leituras, ou releituras feitas sobre ideias, técnicas, e a produção material. O segundo conceito é o de processo civilizador capitalista significando as experiências civilizadoras e capitalistas forjadas, ao mesmo tempo e de forma complementar, pela mundialização do capitalismo. As fontes utilizadas nesta pesquisa foram: peças da coleção, termo de propriedade e catálogos do Museu Jaguaribano, na cidade de Aracati. A metodologia utilizada foi o diálogo entre as fontes buscando entender tal processo e a influência deste nos hábitos e costumes locais.

PALAVRAS-CHAVE: processo civilizador capitalista. tradução cultural. cultura material.

ABSTRACT: This study analyzes the inclusion of aracatiense elite, in the so-called capitalist civilizing process, from the material culture, represented in the tea and dinner sets of European origin, consumed by those classes between the years 1850 to 1890, in the city of Aracati, located on the east coast of Ceará State. It seems that material culture is a significant source of study to understand how the inclusion of the group was in the capitalist civilizing process. The concept of translation is the first to guide our study. This means the readings, or readings made about ideas, techniques, and material production. The second one is that of capitalist civilizing process, meaning the civilizing and capitalists experiences, forged at the same time, and in complementary way, by capitalism globalization. The sources used in this research were: pieces of collection, ownership term and museum Jaguaribano catalogs in the city of Aracati. The methodology applied was the dialogue between sources, aiming to understand this process and its influence on the habits and customs of that locality.

KEYWORDS: capitalist civilizing process. cultural translation. material culture.

Introdução

Este trabalho tem por título *Bons modos à mesa”: a inserção da elite aracatiense no processo civilizador capitalista através dos objetos de mesa e cozinha (1850 – 1890)*. A presente pesquisa representa apenas uma pequena parte da dissertação de mestrado que encontra-se em andamento. Seu objetivo é analisar em que medida as mercadorias europeias, de usos domésticos, foram traduzidas para o ambiente social da cidade de Aracati, litoral leste do Ceará, e como se transformaram em estratégia de inserção das elites aracatienses no processo civilizador capitalista. Para a realização desta pesquisa recorreremos à cultura material presente nos conjuntos de chá e de aparelhos de jantar de origem europeia e consumidos entre 1850 a 1890. Nossa problemática foi se construindo, notadamente, na medida em que analisávamos as peças da coleção, termos de propriedade e catálogos do Museu Jaguaribano da cidade de Aracati.

Do ponto de vista teórico e no tocante a compreensão sobre cultura material, aproximamos nossa reflexão de Meneses (1983), sobretudo no que a cultura material representa enquanto fonte e sua riqueza de informações acerca do grupo que a produziu ou a consumiu. Embora em seu trabalho o autor pesquise as sociedades antigas, podemos recorrer às suas considerações no que se refere à relevância da cultura material para o historiador,

não se pode desconhecer que os artefatos – parcela relevante da cultura material – fornecem informações quanto à sua própria materialidade (matéria prima e seu processamento, tecnologia, morfologia e funções, etc), fornece também, em seu grau sempre considerável, informação de natureza relacional. Isto é, além dos demais níveis, sua carga de significação refere-se sempre, em última instância, às formas de organização da sociedade que os produziu e consumiu. (MENESES, 1983, p: 108)

Dentro dessa lógica da análise de Meneses, Klaus Hilbert, em seu artigo intitulado *Diálogos entre substâncias, cultura material e palavras* nos faz pensar que as “coisas têm histórias pra contar, que deixaram marcas. Elas aparecem às pessoas de diferentes maneiras”. Daí a importância da análise das coisas e dos significados a elas atribuídos por diferentes grupos em diferentes épocas, que nos possibilita compreender que significados eram atribuídos às coisas. Nesse caso os serviços de chá e jantar, consumidos pela elite aracatiense e que foram produzidos na Europa e que trazem consigo significados a elas impostos pela

sociedade européia. Nesse caso, os serviços de chá e jantar, consumidos pela elite aracatiense e que foram produzidos na Europa, e que trazem consigo significados a elas impostos pela sociedade europeia, vão se modificando, através de uma sorte de traição, na medida que chegam em outras sociedades, que não a de origem. Não é isso o que deveríamos chamar de tradução, aquela categoria que “tem a vantagem de enfatizar o trabalho que tem que ser feito por indivíduos ou grupos para domesticar o que é estrangeiro” (BURKE, 2003, p. 58).

A afirmação de Burke nos reconduz à Hilbert (2009, p.13) e nos permite pensar que a dimensão que a cultura material não pode ser tomada apenas como técnica, forma ou função, mas também pelas relações sociais que ela produz e reproduz pelos que a produzem e a consomem. E deve ser entendida por sua capacidade de atribuir significados às coisas produzidas consumidas pelos grupos em realidades e temporalidades diversas e adversas.

Buscando analisar as fontes aqui trabalhadas com os conceitos de tradução cultural e processo civilizador capitalista dividimos a pesquisa aqui apresentada em três partes: a primeira aborda os aspectos de formação da cidade de Aracati dentro de um contexto maior, buscando entender a formação das elites aracatienses; no segundo discutiremos como a referida cidade foi inserida no processo civilizador capitalista. E, por último, nos debruçaremos sobre a relação entre a cultura material aqui representada pelos conjuntos de chá e jantar consumidos pela elite e a como esta traduziu para seu cotidiano.

1. De vila a cidade: a formação da elite aracatiense

As elites¹ em questão começam a se definir com a colonização do território cearense, mais precisamente com o desenvolvimento da pecuária, quando Aracati adquire importância econômica para o Ceará, Brasil e Europa. A colonização do Siará Grande se deu a partir de um lugar, denominado Arraial, posteriormente ficou conhecido como Santa Cruz do Aracati, e depois Aracati. Quanto a esse processo de ocupação a Girão (2001, p: 38) afirma que “Com o desenvolvimento do ‘arraial’ através do aumento da indústria pastoril que se estendia por

¹ Usamos aqui elites a partir das discussões de Heinz (2006, p 7), onde “diz respeito acima de tudo à percepção social que os diferentes atores têm acerca das condições desiguais dadas aos indivíduos no desempenho de seus papéis sociais e políticos”. Nesse sentido, pensamos que as elites aracatienses eram compostas várias elites, sendo elas: uma elite comercial (comerciantes donos de casas comerciais), intelectual (formada por letrados, escritores), Profissionais liberais (médicos, advogados) e uma elite política (membros da Câmara Municipal e etc).

toda a ‘Ribeira do Jaguaribe’, colonos portugueses, paraibanos e pernambucanos vieram habitar a foz do rio Jaguaribe, lugar já conhecido por Cruz das Almas, depois, São José do Porto dos Barcos”.

Nesse período inicia a fixação dos referidos grupos as margens do Rio Jaguaribe, se intensificando no século XVIII, com o crescimento da pecuária e com os problemas para transportar e vender o gado, ocasionados pela distância e pelos impostos cobrados, o que tornavam a comercialização do produto oneroso para os fazendeiros. Os mesmos tentando solucionar o problema criaram as Oficinas ou Charqueadas, também denominada de Feitorias.

Raimundo Girão em sua obra “História Econômica do Ceará” (2000, p: 159), observa que com o desenvolvimento das charqueadas a então Vila de Santa Cruz do Aracati² tornou-se “o mais movimentado e rico empório de transações da Capitania” do Siará. O crescimento econômico da cidade refletia-se nos modos da sociedade que se inseria na lógica de civilidade e polidez dos modos e costumes. Santa Cruz dos Barcos passa a ser ponto obrigatório do comércio com Pernambuco e por ele saíam à maior parte dos gêneros para exportação e entravam os artigos de importação que supriam o consumo das elites ligadas ao comércio do charque das ribeiras do Jaguaribe, do Icó, do Crato e dos Inhamuns. Esse destaque econômico vai ser ainda mais proeminente, a partir da reorganização das charqueadas para a comercialização com Portugal.

Portanto, como descreve Girão (2001, p. 111-112), a importância da pecuária para o crescimento e desenvolvimento de Aracati se deu de tal forma que ela fez “crescer a especulação daquele ramo de negócio, aumentando dia a dia as transações com as demais praças do País; passando Aracati a prover de fazenda e objetos de luxo e resto da Capitania”.

Segundo Eusébio de Sousa (In: LIMA, 1979, p: 10), o Porto de Fortinho, hoje denominado de Fortim, “abrigava cinco a seis embarcações de nacionalidades estrangeiras e de grande calado, carregando para a Europa”. Foi nesse período que registra-se a entrada de produtos estrangeiros, notadamente artigos em louças, vestuário, bebidas, entre outros, que passavam a fazer parte da paisagem local e dos espaços domésticos. Com o declínio das charqueadas no final do século XVIII, ocorre uma queda do comércio na região que é

² Tornou-se vila, no ano de 1748, com a denominação de Santa Cruz de Aracati e elevada à categoria de cidade em 25 de outubro de 1842, com o nome de Aracati.

restabelecido através da cotonicultura, sendo esta responsável pelo equilíbrio comercial da referida cidade.

Com o crescimento da produção algodoeira entre os anos de 1835 a 1853, as mercadorias³ continuavam a ser embarcadas e desembarcadas pelo Porto de Aracati. Nesse período, já possuía uma Repartição de Alfândega e uma Mesa de Rendas criada para melhorar a organização do escoamento das mercadorias que chegavam na cidade. No ano de 1853 o Porto de Mucuripe, em Fortaleza, começa a competir com o de Aracati.

A elite local passa a ser formada não mais por pecuarista, e sim por uma elite agrária que passa a ampliar seus negócios através das casas comerciais, representações comerciais, empréstimos financeiros, exportação de couro, algodão e outros. Começa para Aracati e para o Ceará o que Gilberto Freyre denomina de “segunda europeização”. O processo civilizador capitalista, nesse segundo momento, será feito sobretudo com a Inglaterra e com a França.

O fluxo das relações comerciais entre Aracati e a Inglaterra é percebido nos Relatórios da Alfândega, notadamente os referentes aos anos de 1838 a 1840. Neles podemos observar as descrições dos produtos que foram importados da Inglaterra para Aracati, via Portugal. Entre eles destacavam-se as louças e vidros. Da mesma forma aparecem os produtos exportados pelo: couro salgado, algodão e sementes, entre outros.

Esse comércio se intensifica com a Guerra de Secessão nos Estados Unidos, quando o algodão passou a ser exportado diretamente para a Inglaterra através do Porto de Aracati. Pois, segundo Leite (1994) como o algodão produzido naquele país abastecia as fábricas têxteis inglesas, com a guerra o mesmo deixa de ser fabricado. Isso impulsionaria a produção algodoeira no Ceará. É nesse período que intensifica-se a entrada de produtos estrangeiros, iniciada no começo do século XIX. O transporte dessas mercadorias era realizado da Europa para Aracati através de navios e carregados e, aqui, em carros de boi que faziam a distribuição para as cidades de Russas e Icó. O comércio também era realizado através de casas comerciais membros da elite local. Essa busca por mercadorias estrangeiras contribuía para formar uma nova elite aracatiense composta por comerciantes, e por profissionais liberais – médicos, advogados, entre outros –, normalmente formados nas faculdades de Recife, Bahia e Rio de Janeiro. Em sua maioria eram filhos de antigos proprietários rurais e comerciantes. Embora

³ Segundo APPADURAI (2008, p.15) “as mercadorias são objetos de valor econômico [...], e este valor jamais é uma propriedade inerente aos objetos, mas um julgamento que sujeitos fazem sobre eles.”

nem todos consumissem as mercadorias estrangeiras, símbolo de inserção no modelo inglês e francês de bem-estar e estar bem mundo, porém essa elite orientava seus novos modos, novos costumes, sua nova linguagem de gestos e fala na estrutura mental construída pela influência europeia.

As referidas casas comerciais aludidas acima passaram a instalar nas principais cidades do Ceará suas filiais. Em outros casos usavam representantes comerciais. Entre elas podemos destacar a Casa Boris Frères, fundada em Fortaleza no ano de 1869. Essa casa comercial gozou de intensa influência nos negócios, na política, e nos costumes não só nas cidades do Ceará como também nas cidades do Piauí e Rio Grande do Norte (REGO, 2010)

2. Os rituais à mesa: o chá e o jantar como elementos de distinção social

Com a mundialização do processo civilizador capitalista, no final do setecentos e início do oitocentos, ocorre a intensificação do consumo de bens produzidos em larga escala e a elaboração dos códigos sociais de civilidade e de boas maneiras.

O processo pode ser explicado a partir da materialização do modelo de civilidade, progresso e modernidade que, para se inserir no modelo contextualmente hegemônico de bem-estar e estar bem no mundo, as sociedades não europeias deveriam configurar-se ao *habitus* imposto pelas hegemonias capitalistas, assim como adquirir os produtos que os alinhariam aquele processo civilizador. Esse ideal de civilidade a ser seguido era principalmente inglês e francês, que para Starobinski (2001, p. 26) seria “tanto para os homens como para os objetos, abolir todas as asperezas e as desigualdades “grosseiras”, apagar toda a rudeza, suprimir tudo que poderia dar lugar ao atrito, fazer de maneira a que os contatos sejam deslizantes e suaves”. A civilidade do processo civilizador capitalista se desdobrava dos códigos de postura e aos manuais de civilidade. Ou seja, ele propunha uma estética dos espaços e dos comportamentos.

O processo civilizador capitalista propiciou uma variedade de produtos estreitamente ligados às normas decorrentes deles que acabavam por reorganizar as distinções sociais, reflexo inequívoco da acumulação de capital. Esse capitalismo da segunda europeização, com as fábricas, passa a produzir mais e em grande quantidade e variedade de produtos. Depreende-se daí que o baixo valor dos produtos e “a modificação técnica produz um

barateamento universal das mercadorias, que podemos corretamente falar de uma intensificação no campo do investimento como consequência do aperfeiçoamento técnico” (DOBB, 1986, p. 203). Esse barateamento possibilitou a aquisição de produtos por diferentes elites das sociedades no mundo. Isso não quer dizer que houve democratização do consumo. O que aconteceu naquela época, e no contexto daquele período do capitalismo, é que as elites no mundo gozaram de uma maior diversidade de artigos de luxo. Diversidade que iria incidir na impulsão e produção de novos padrões e cores das louças que, por sua vez, provocou novas diferenciações sociais.

Visando um público específico, os fabricantes de louças investem na produção de mercadorias de uso doméstico, como: *a mobília, os artigos de higiene e decoração e artigos de mesa e cozinha*. Esse público específico é formado pela aristocracia e burguesia local, além do mercado externo. Assim, a louça, cumpriria seu papel dentro do processo civilizador capitalista, permitindo às diferentes elites de materializar seu pertencimento ao modelo hegemônico de bem-estar e estar bem no mundo organizado pela Inglaterra e pela França. A ritualização das refeições, atuando como marcadores e indicadores sociais, principalmente o jantar e o chá, cumprem essa função ritualística integradora de pertencimento, pois as regras de civilidade que os acompanham, assim como a grande variedade de itens que compõem a mesa são indícios da transposição da paisagem do consumo hegemônico em forma de tradução local.

Entre os rituais adotados pelos europeus e difundidos pelo mundo, destacamos: o chá e o jantar. O primeiro ritual adotado foi o do chá, à medida que seu consumo aumentava, a quantidade dos itens que o acompanhavam também crescia. Segundo Lima (1997, p: 94) “junto com o chá, foi introduzido o equipamento utilizado na China para o seu consumo”, esses equipamentos⁴ logo foram reproduzidos pelos ceramistas de Staffordshire, na Inglaterra.

A popularização do uso da faiança na produção dos conjuntos de chá ocorreu pois, segundo Lima (1997, p. 95) “sendo a prata cara, o estanho inadequado – além de escasso – e a porcelana por demais frágil, aumentou consideravelmente a demanda sobre a faiança”. Com a adoção do chá, o crescimento do consumo do mesmo e o aumento na produção de louça, os ingleses adaptaram seu ritual. Uma das primeiras mudanças foi a reprodução do referido

⁴ Esse termo é utilizado por LIMA (1998) ao se referir aos itens utilizados nos rituais de chá.

equipamento utilizado pelos chineses, como já dito anteriormente, o estanho foi substituído pela porcelana, faiança ou prata. A substituição se deu devido o sabor desagradável que o estanho dava ao chá. Além dessa mudança foram inseridos outros itens aos conjuntos de chá.

Na transição do século XVIII para o século XIX, o chá podia ser servido na esfera doméstica das camadas médias e altas da sociedade inglesa em três ocasiões sociais: no desjejum, nesse caso de forma privada e informal; ao final da tarde ou à noite, em uma refeição formal, com a participação da família e com convidados; e por último, nas festas realizadas à noite para um número maior de convidados. Esse ritual tornou-se por excelência um espaço de sociabilidade e exibição de status social.

O segundo ritual, o jantar, foi incorporado ao cotidiano europeu e segundo Lima (1998, p. 138) “dar um jantar passou a ser considerado o mais importante dos deveres sociais, um complicado ritual regido por centenas de pequenas e quase imperceptíveis as regras, que compunham um rígido protocolo”. Para atender as necessidades do referido ritual, se inserem diferentes itens para compor a mesa, como aparelho de jantar, copos de cristais, talheres (garfos, facas e colheres), tigelas, sopeira, entre outros. A diversidade de itens e modelos possibilitam uma distinção social, pois nem todos os grupos podiam adquirir produtos com a mesma qualidade. A forma de colocar a mesa e servir os convidados funcionava como forma de aceitação do grupo ou não.

3. As coisas e a cidade: a inserção da elite aracatiense no processo civilizador capitalista

A cidade⁵ de Aracati se diferenciava das demais cidades cearenses em muitos aspectos, principalmente nos aspectos econômico e cultural. A inserção de casas comerciais na referida cidade ocorreu a partir de 1850, quando a Firma Pacheco, Filho & Mendes se instala comercializando diretamente com a Europa, além dessa houve cerca de outras 70 casas comerciais instaladas na cidade. Com esse comércio de importação de artigos de luxo e exportação de produtos locais entre Aracati e Europa a cidade continua a se destacar no cenário regional.

⁵ Podemos entender a cidade de Aracati de acordo com Assunção (2012, p. 58) ao definir o fator econômico da cidade “como propulsor do desenvolvimento urbano”. A referida cidade se originou a partir de fatores econômicos, como pecuária e se desenvolveu por meio cotonicultura.

Com a entrada de produtos estrangeiros no porto de Aracati, as práticas cotidianas urbanas mudam, sendo transpostos rituais domésticos praticados por ingleses e franceses, tanto nas casas das elites quanto nas ruas. Esses novos hábitos são inseridos a partir dos objetos e apreendidos através dos manuais de civilidade. A mudança de hábitos também pode ser percebida na construção de espaços destinados as sociabilidades, sejam elas da família, das visitas entre outros.

A inserção de novos hábitos e costumes é percebida através do comportamento social que traduz o costume estrangeiro à mesa, e passa a usar utensílios que eram estranhos as suas práticas cotidianas. O uso da faca era exclusivo do homem, chefe de família. Segundo Lima (1989, p. 207) ao se referir à sociedade carioca, “comia-se com os dedos — o polegar, o indicador e o médio — ou sorvia-se o alimento, em geral pastoso ou líquido, diretamente das malgas.” Os talheres (garfos, facas e colheres) de prata eram considerados pela elite como investimento e deviam ser guardados. O seu uso foi sendo inserido gradativamente na sociedade carioca. Tal costume foi inserido pelos ingleses, por isso comer de garfo e faca ficou conhecido como “comer a inglesa”. Esses hábitos foram se difundindo pelo Brasil, e chegaram à cidade de Aracati.

Outro hábito introduzido pelos ingleses foi o “consumo do chá”, até então seu uso era tido como medicinal, passando a ser adotado como prática masculina após o jantar, por ser uma bebida quente não era permitida a mulher. A prática do “chá das cinco” foi introduzida no final do século XIX, sendo exclusiva das mulheres como uma forma de se libertar das normas estabelecidas pela sociedade. O “chá das cinco” trouxe consigo o uso de vestimentas próprias, assim como louças específicas.

É nesse contexto que a elite aracatiense adota práticas para se diferenciar dos demais grupos, já não era suficiente ter louça europeia, o que poderia os diferenciar agora era a procedência da mesma e, ainda, a diferenciação deveria se dá pelas formas ou padrões que os distinguissem das demais louças produzidas. É possível perceber em inventários post-mortem uma quantidade substancial de conjuntos de chá e aparelhos de jantar produzidos com diferentes materiais que hierarquizava o consumo.

Evidentemente, nem todos os membros da elite aracatiense se inseriam no referido modelo de consumo, notadamente porque não aparecem em seus inventários ou testamentos objetos que simbolizassem a hierarquia pelos objetos. No entanto, nossa pesquisa ainda é

insuficiente para responder o porquê de algumas famílias da elite consumir e outras não os objetos da distinção.

Voltemos as louças do jantar, sobretudo à sala de jantar. Ele era *um espaço sagrado*, destinado a exibição da distinção. Esse espaço exige a invenção de uma paisagem de consumo que revele o poder econômico do anfitrião: louças, mesas de jantar elástica, cadeiras, mesas acessórias, aparadores, compoteiras de vidro, galheteiros de prata, talheres de prata (para chá e jantar), castiçais de prata e mangas de vidro, taças de cristais, salvas de prata, entre outros. Isso tudo demonstra a posição social do anfitrião.

Esses objetos que podia-se encontrar nas casas das elites de Aracati são aquelas descrita por Elias (1994, p. 113) no século XIX na Europa e que define o modelo de civilidade que “encontra-se na última fase desse processo”, o autor refere-se aqui ao processo civilizador, e precisa ser difundido através dos utensílios domésticos, tanto do seu uso quanto da crescente diversidade de suas formas e matéria-prima. De acordo com Elias

[...] Em muitas ocasiões, não só os pratos são trocados depois de cada tipo de comida, mas também os utensílios. Já não basta comer apenas com a faca, o garfo e a colher, em vez de se usar as mãos. Cada vez mais na classe alta, um implemento especial é usado para cada tipo de comida. Colheres de sopa, facas de peixe e facas de carne são postas em um dos lados do prato. (ELIAS, 1994, p. 114)

Esses bons modos chegam ao Brasil por meio dos manuais de civilidade, no qual ensina-se desde o comportamento à mesa ou em grupo até como se deve colocar uma mesa em ocasiões especiais, como banquetes.

A realização de tais rituais exigia da elite aracatiense todo um aparato de objetos que tinham por finalidade a realização dos mesmos. Criando uma sociedade de consumo que buscava se diferenciar dos demais grupos sociais, requerendo uma diferenciação através dos objetos, a elite aracatiense e um exemplo.

O consumo de mercadorias de uso doméstico gerou sua produção e diversificação, como os objetos que compõe o serviço de mesa: eles variavam entre os diversos padrões decorativos de louças, presentes nos conjuntos de chá e café, assim como no aparelho de jantar. Os talheres de prata podiam diferenciar-se quanto a seu cabo que poderia ser de marfim ou de uma matéria tão nobre quanto àquela. A mobília europeia, ou de traços

européizantes, foi sendo inserida na paisagem do lar das elites e tornando-se essencial nos lares aracatiense. Dentre elas destacamos o guarda louça, as cadeiras, os sofás, dentre outros que foram preenchendo os espaços e tornando-se indispensáveis elementos de distinção.

Para compreendermos tal período analisamos os termos de propriedade e um catálogo com algumas peças do Museu Jaguaribano, dando destaque para os objetos de uso doméstico, seus doadores e as relações entre doação e devolução das peças e sua procedência. De acordo com os termos de propriedade das referidas peças podemos observar a presença de louças provenientes da Inglaterra, França e Alemanha, assim como a mobília de origem austríaca.

Analisando o termo de propriedade de um dos doadores o *Sr. João José Dias de Oliveira* percebemos que a maioria das peças doadas tem sua origem europeia e foram produzidas no século XIX, como segue abaixo:

uma molheira florada, porcelana inglesa
um bule de chá florado, porcelana inglesa
umatijela de porcelana germânica, com bordados roxos
umachícara p/ café, porcelana francesa, em cores: verde, rosa e ouro
umachícara p/ café, porcelana francesa, cor: branca e ouro
um sofá e duas cadeiras de braços, austríacos
quatro cadeiras austríacas pretas
(Comprovante de Título de Propriedade nº 001/M, 12 de dezembro de 1968)

De acordo com o referido termo o proprietário tomou posse de quatro cadeiras austríacas pretas em 20 de julho de 1972. Assim sendo, o catálogo do museu (1980) fornece informações de 19 peças doadas ao museu pelo referido doador, o que nos permite pensar que a doação se deu como forma de preservar a memória da família ou como forma de perpetuar distinção social da família através da doação.

Em outro termo de propriedade observado encontramos louça de origem holandesa pertencente a Adélia Gurgel Valente de Lima, que doou para o museu em 15 de dezembro de 1968 as seguintes peças

Uma fruteira, em porcelana branca inglesa
Um pirex de cerâmica holandesa bordado com flores azuis
(Comprovante de Título de Propriedade nº 0017/M, 15 de dezembro de 1968)

Tais peças tinham um prazo de quarenta dias para serem retiradas do museu, porém de acordo com o referido termo isso não aconteceu, embora tais peças não apareçam no catálogo de 1980. A doadora cedeu ao museu outras peças, mas destacamos as de origem europeia.

Um dos maiores doadores foi José Flávio Costa Lima, descendente dos proprietários de uma das casas comerciais mais importantes de Aracati, no século XIX. A doação realizada por ele compreende cerca de 26 peças entre louças, mobília, destacamos

Prato raso, porcelana inglesa, decoração policromada com motivos vegetais, marca J & G Meaking England (Catálogo do Museu, 1980:14. Peça nº 088)

A descrição das peças realizadas no catálogo, é mais rica, pois além das informações referentes aos doadores e as peças, encontramos a fotografia da peça ao lado, embora em preto e branco, elas nos fornecem uma ideia da importância da mesma. A presença dessas peças nos permite entender como o nível de consumo da elite aracatiense. A relevância de tais objetos para as famílias ainda é carregada desse sentimento de distinção social, pois as mesmas são guardadas e depois entregues a um museu, para que as mesmas sejam vistas e sua família lembrada.

O estudo da cultura material nos proporcionou entender, a partir das coisas, como a sociedade aracatiense apropriou-se de elementos materiais de outra cultura, do processo civilizador capitalista da segunda europeização, e traduziu seus valores e uso para sociedade local, não deixando de alimentar seu poder de distinção social. A elite agrária, portanto, para se aproximar daquele modelo europeu, passa a se apropriar de seus rituais, hábitos e costumes e unindo coisas, valores e usos, diferencia-se dos demais grupos.

Considerações Finais

O presente estudo ainda encontra-se em sua fase inicial, pois compreende uma das fontes a serem trabalhadas em nossa dissertação de Mestrado. A análise dos objetos em exposição confrontados com os termos de propriedade, e ainda o catálogo do museu nos permitiram compreender a importância do século XIX para a história da cidade de Aracati.

Além de nos permitir compreender como ocorreu a inserção da sociedade aracatiense no processo civilizador capitalista, mudando os hábitos e costumes da sociedade em questão, possibilitando a entrada de mercadorias estrangeiras. As fontes aqui apresentadas nos forneceram a procedência de tais objetos e como as mercadorias eram adquiridas pela sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPADURAI, Arjun (Org.). **A vida social das coisas. As mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Niterói: EdUFF, 2008.

BARROS, J. D'ASSUNÇÃO. **Cidade e História**. 2ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BURKER, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2003.

DOBB, Maurice H. **A evolução do capitalismo**. 2ª Ed. São Paulo; Nova Cultural, 1986.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Vol. 1 Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1994.

GIRÃO, R. **História Econômica do Ceará**. Fortaleza:UFC/ Casa José de Alencar Programa Editorial, 2000.

GIRÃO, V. C. **As Oficinas ou charqueadas no Ceará**. Fortaleza: Secretaria de Cultura/IOCE, 1984.

HEINZ, Flávio M. (Org.). **Por uma outra história das elites**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

HILBERT, Klaus. Diálogos entre substâncias, cultura material e palavras. **Métis (UCS)**, v. 8, p. 11-26. 2009.

LEITE, A. C. O. **Algodão no Ceará: estrutura fundiária e capital comercial, 1850 -1880**. Fortaleza: SECULT, 1994.

LIMA, T. A. Chá e simpatia: Uma estratégia de gênero no Rio de Janeiro Oitocentista. **Anais do Museu Paulista**, S. Paulo, Nova Série v. 5, p: 93 – 127, jan./ dez. 1997.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Cultura material no estudo das sociedades antigas. **Revista de História, São Paulo**, n.115, p.103-117, jul.-dez. 1993.

REGO, Júnia Motta Antonaccio Napoleão do. **Dos sertões aos mares: história do comércio e dos comerciantes de Parnaíba.** (Tese de Doutorado). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2010.

STAROBISKI, Jean. **As máscaras da civilização: ensaios.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SOUSA, Eusébio de. Duas palavras sobre “Terra Aracatiense”. In: LIMA, Abelardo Costa. **Terra Aracatiense.** 2ª edição. Coleção Biblioteca de História do Ceará, 1979.

FONTES

- **Catálogo do Museu Jaguaribano,** Coleção Museus do Ceará, Vol. I: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará; Fortaleza, 1980. Localização: Acervo Pessoal (digitalizado e cópia impressa)

- **Termos de Propriedade da peças doadas e/ou cedidas ao Museu Jaguaribano,** produzidas entre os anos de 1968 e 1998. Localização: Acervo Pessoal (digitalizado e cópia impressa)

- **Correspondências da Alfândega e Mesa de Aracati,** Localização: APEC (Arquivo Público do Estado do Ceará). Dividida em 03 caixas do Fundo: Alfandegas de Aracati e Fortaleza – Data crônica dessa documentação: de 1835 a 1893.